

EDUCAÇÃO ESCOLAR E PROCESSOS MIGRATÓRIOS NO PONTAL MINEIRO
(DÉCADAS - 1950 a 1990)

School education and migration processes in “Pontal Mineiro” (Decades 1950 - 1990)

Sauloéber Társo de Souza*

RESUMO

O texto trata de resultados de pesquisa sobre a experiência migratória de grupos originários dos estados da região Nordeste do Brasil e que motivados por diferentes fatores, especialmente, pela oportunidade de trabalhar pela subsistência, decidiram partir para novos espaços de sociabilidade, como o Pontal de Minas Gerais (Triângulo Mineiro), entre as décadas de 1950 e 1990. Inicialmente, esses fluxos foram motivados pelo ciclo econômico baseado na cultura de grãos e depois pela cana-de-açúcar, assim, os migrantes buscavam as “oportunidades ilimitadas” no novo “Eldorado Brasileiro”, de maneira que todos aqueles que carregavam o sotaque do Nordeste constituíam população marginalizada a partir de critério étnico-cultural. Em princípio, estabeleceram-se nas fazendas, depois passaram a viver nas cidades, onde desenvolveram novas relações nos bairros, igrejas, comércio, postos de saúde e escolas, superando resistências relativas ao seu pertencimento étnico-cultural e a condição de migrante. Nessa perspectiva, buscamos observar a relação estabelecida entre esses grupos no interior das escolas, tentando visualizar a inserção dos migrantes na nova dinâmica social que se submeteram. Para a realização desse trabalho, utilizamos, sobretudo, do recurso a fonte oral.

Palavras-Chave: Escolarização. Fluxos Migratórios. Triângulo Mineiro. Décadas de 1950 a 1990.

ABSTRACT

The paper deals with results of research on the migratory experience of groups originating in the northeastern states of Brazil and motivated by different factors, especially the opportunity to work for subsistence, they decided to leave and met new spaces of sociability, including the *Pontal of Minas Gerais* (Triângulo Mineiro), between the 1950s and 1990s. Initially these flows were driven by the economic cycle of grain crop and then the sugarcane, so the migrants sought the “unlimited opportunities” in the new “Brazilian Eldorado”, all that people who speak the accent northeast were marginalized by an ethno-cultural criterion. In principle, they settled on the farm, then moved to live in cities, where they developed new relationships in their neighborhoods, churches, trade, health clinics and schools, overcoming resistance related to their northeast ethnic-cultural and migrant status. From this perspective, we observe the relation established between these groups into the schools, trying to visualize the integration of migrants in the new social dynamics that they have undergone. To carry on this work, we use mainly the oral history.

Keywords: Schooling. Migrantion. Triângulo Mineiro. Decades 1950-1990.

* Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor de História da Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisador do CNPq. Beneficiário de apoio à pesquisa da Fapemig. Email: sauloeber@pontal.ufu.br

Introdução

No último meio século, boa parte da população brasileira se deslocou pelo território nacional em busca de vida melhor, mas a realidade que a maior parte dos migrantes encontrou foi a luta árdua pela subsistência, enfrentando precárias condições de moradia, trabalho e acesso a serviços públicos essenciais como saúde e educação, sobretudo, nos grandes centros receptores dessa população.

A proposta desse texto é pensar sobre os estudos que abordam as migrações no campo da História da Educação no país, enfocando a relação entre os processos migratórios e seus reflexos para a educação de quem migra e também para a rede de ensino da região que os recebe, aqui em específico o município de Ituiutaba-MG. Dessa maneira, o texto foi organizado em três seções.

Na seção inicial - “Migrações Possíveis”, buscamos apresentar alguns dos conceitos que nortearam nossas reflexões (especialmente o de êxodo rural de massas e migração sazonal ou temporária, importantes para nosso trabalho), fazendo a distinção entre migração, emigração e imigração, mas entendendo todos como sub-processos de um único movimento migratório, por isso, consideramos correto a utilização desse conceito no plural.

Em seguida, no subtítulo “Processos Migratórios e História da Educação” apresentamos dados sobre como esses processos têm sido estudados no campo da História da Educação. A base para nossas reflexões foram as comunicações publicadas nos Congressos Brasileiros de História da Educação e também nos Congressos Luso-Brasileiros de História da Educação no período entre 2006 e 2011, permitindo-nos visualizar que o foco dos pesquisadores tem se voltado ao estudo dos fluxos migratórios para o Brasil, ou seja, as escolas classificadas como étnicas.

Na seção final – “Nordestinos no Pontal Mineiro”, trabalhamos, em específico, parte dos dados obtidos ao longo do desenvolvimento do projeto “Das *Alagoas* às *Gerais*: Migrantes Nordestinos e Escolarização no Pontal do Triângulo Mineiro (anos 1950 a 2000)”¹, cujo objetivo principal envolveu o estudo dos fluxos migratórios de trabalhadores originários da região Nordeste para o Pontal do Triângulo Mineiro, apoiando-nos nesta seção nas informações obtidas por meio dos depoimentos de testemunhas da época.

Em relação à metodologia da pesquisa, além das estatísticas do IBGE, da leitura e tabulação dos anais dos congressos de história da educação e revisão bibliográfica, utilizamos o recurso da história oral. De acordo com Thompson (1992), as fontes orais passaram a ser valorizadas quando da necessidade de se registrar o passado de grupos

¹ Pela extensão dos desafios o projeto foi fracionado em duas etapas de acordo com a observação dos fluxos migratórios originários da região Nordeste para o município de Ituiutaba (Triângulo Mineiro) que em seu primeiro momento (1950-1970) foram motivados, especialmente, pela cultura de grãos (arroz e milho) recebendo trabalhadores do Rio Grande do Norte e da Paraíba, existindo uma retração na chegada dos migrantes entre 1970 e 1980 relacionada com a crise na lavoura (SILVA, 1997), e no segundo momento (1980-2000) a retomada desse deslocamento populacional em função, sobretudo, da instalação de uma usina de álcool na região. Dados da Secretaria de Desenvolvimento Social do Município de Ituiutaba revelam que ainda hoje, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas são os estados de origem do maior número de famílias beneficiárias do Programa Federal Bolsa Família, respectivamente: 85, 245 e 472. Fonte: PMI, Secretaria de Desenvolvimento Social, CAD, 2010.

que não documentaram suas ações, sujeitos sociais invisíveis nos registros oficiais. A equipe realizou mais de uma visita aos colaboradores e, em geral, no segundo contato é que foram gravados os depoimentos, a saber: 08 professoras que atuaram com o grupo estudado e 14 migrantes que, em sua maioria, veio para o pontal de Minas Gerais na primeira infância. As entrevistas foram realizadas nas cidades mineiras de Ituiutaba e Uberlândia e em Natal, Currais Novos e São Vicente no estado do Rio Grande do Norte, no período entre janeiro de 2010 e fevereiro de 2012. Optamos por preservar a identidade dos colaboradores por meio da utilização de nomes fictícios.

Migrações Possíveis

Os grandes flagelos naturais e as duas grandes guerras no século XX, entre outros fatores, provocaram a expulsão de milhões de seres humanos de suas terras. Esses grandes deslocamentos, em geral, foram acompanhados ou precederam alterações estruturais profundas, tanto do ponto de vista econômico e político, e também em termos sociais e culturais (e por extensão educacionais), de forma que a mobilidade humana é um sintoma das grandes transições.

Os estudos que têm focado as migrações internas adotam fundamentalmente alguns conceitos centrais tais como o de movimentos ou fluxos migratórios, que se referem às correntes populacionais que se deslocam de uma área configurada como de expulsão (muitas vezes pouco urbanizada e com fraco crescimento demográfico) para uma área de atração (regiões metropolitanas ou entorno de médias e grandes cidades com altas taxas de incremento populacional) (BARCELLOS, 1995).²

Consideramos importante fazer referência a uma certa tipologia construída pelos estudiosos das ciências da demografia para a definição dos diferentes modelos migratórios existentes, já que ao menos dois deles podem ser percebidos com clareza em nosso estudo, vejamos:

- **êxodo rural em massa:** marcado pelo esvaziamento do campo, fenômeno ainda hoje intenso e contínuo desde os anos de 1950, é de longe o maior movimento espacial da população brasileira.
- **migrações temporárias ou sazonais:** ocorrem em direção às safras agrícolas, sobretudo, da cana-de-açúcar, do café e da laranja que são responsáveis por fluxos de trabalhadores que deixam sua terra por um período entre 4 e 7 meses.
- **migrações limítrofes e/ou latino-americanas:** acontecem em regiões de fronteira do Brasil com os países vizinhos: Paraguai, Uruguai, Bolívia, Peru e Venezuela, representam o movimento de entrada e saída desses países.

² As migrações constituem campo de estudo amplamente explorado, especialmente na Demografia, onde se gestaram e são trabalhados grande parte dos conceitos correntes na área e se observa o desenvolvimento de metodologias para a quantificação do fenômeno. Essa área tem relevância igualmente na Sociologia, onde se sobressai a análise dos determinantes estruturais das migrações e, em alguma medida, dos fatores relacionados com a situação específica de segmentos sociais migrantes, inclusive aqueles componentes ligados à questão cultural (BARCELLOS, 1995, p.296).

- **migrações para a fronteira agrícola:** vem sofrendo significativo decréscimo, seja pelo esgotamento dos espaços não ocupados que se concentram nas mãos de latifundiários, seja pela falta de políticas de produção agrícola que dificultam o escoamento e a produção de alimentos em regiões isoladas.
- **migrações circulares ou pendulares:** representam o movimento diário ou semanal de trabalhadores no interior das grandes metrópoles ou entre localidades vizinhas, como exemplo, citamos os “bóias-frias”, os quais, embora trabalhando na zona rural, povoam as periferias das pequenas e médias cidades.
- **migrações externas:** referem-se aos fluxos para os EUA, a Europa e o Japão, em sua grande maioria, ou de lá retornam (GONÇALVES, 2001).³

Por meio deste referencial, entendemos como migrações todo e qualquer deslocamento de grupos de indivíduos em diferentes direções. Distingui-se, no entanto, que apenas o último conceito refere-se aos movimentos compreendidos como externos (imigração), de maneira que os demais fluxos acontecem no interior do território nacional ou em suas fronteiras.

Um dos dados mais importantes para nosso trabalho e presentes na tipologia acima se trata da migração de êxodo rural. Como citado, o principal fluxo desde os anos de 1950 tem sido no sentido Nordeste-Sudeste, que tem relação com os processos de industrialização e urbanização de algumas micro-regiões, acelerados com o fim da Segunda Grande Guerra, de forma que é o referencial teórico mais utilizado, vejamos:

A perspectiva mais corrente é aquela que tem por marco principal, no contexto explicativo dos movimentos migratórios, o processo de industrialização/urbanização. [...] O raciocínio geralmente inicia com a descrição da tendência concentradora de população que acompanha a industrialização, onde os deslocamentos do campo para a cidade são fundamentais, chegando, então, nas questões que remetem à realocação da mão-de-obra no território (BARCELLOS, 1995, p.300).

Portanto, os fluxos migratórios obedecem, em princípio, a lógica do mercado de trabalho, definindo-os de maneira simplista. Os deslocamentos seguiriam a fórmula básica apoiada sobre a existência de uma região que forneceria mão-de-obra ociosa, farta e barata (origem) e o pólo que absorveria esse recurso humano (destino), em geral, regiões em desenvolvimento econômico crescente e acelerado.

Alguns fatores como crises econômicas, flagelos naturais, as transformações no mundo do trabalho e a precarização de suas relações, também devem ser lembrados já que acabam por lançar grandes massas de indivíduos no quadro de indigência quando tomam a decisão de migrar, reforçando-se os deslocamentos compulsórios da população pobre.

Vejamos alguns dos principais movimentos migratórios da história recente do Brasil:

³ É preciso entender que essa tipologia compreende boa parte dos fenômenos migratórios atuais, contudo, existem outros não tão expressivos tais como a “migração de retorno” (aposentados, migrantes legais ou ilegais de retorno de fronteiras agrícolas ou outros países) e a “migração solitária” que se refere a família unipessoal, como: albergados, moradores de rua, entre outros (ZAMBERLAM, 2004). E também podemos nos referir as migrações interestaduais e intraestaduais (CUNHA, 2005).

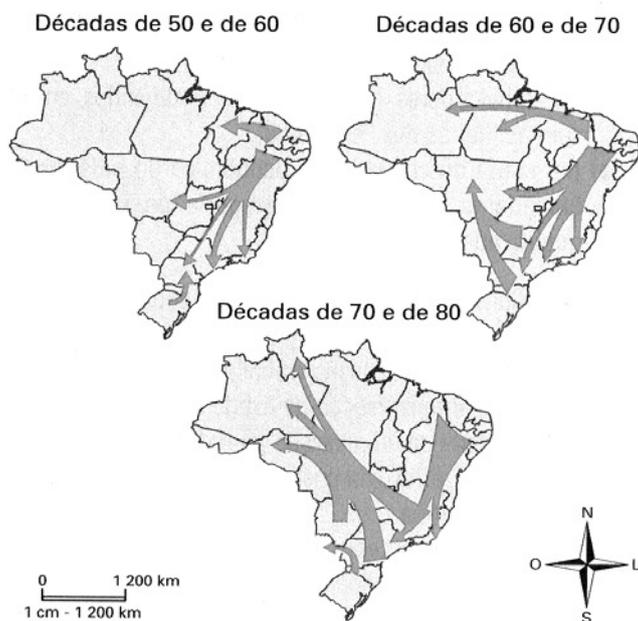


FIGURA 01 - Fluxo das Principais Migrações Entre Regiões Brasileiras (1950-1990)
Fonte: http://173.203.31.59/UserFiles/P0001/Image/re_imagens/Principais%20fluxos%20migratórios%20brasileiros%20entre%201950%20e%201980.jpg

Pela figura, observa-se que a região Nordeste tem sido há muito a origem de boa parte das massas dos migrantes que se dirigem para todos os cantos do Brasil, tendo como motivação a busca por condições melhores de vida que poderiam ser geradas a partir da perspectiva de empregabilidade. A figura, contudo, aponta para outros fluxos que se estabeleceram ao longo das duas últimas décadas, em direção as regiões de fronteiras agrícolas, à medida que as terras nas regiões Sul e Sudeste foram se esgotando.

Fica evidenciado que é a partir da segunda metade do século XX que a migração interna ganhou grande expressão no Brasil, estima-se que 43 milhões de pessoas saíram do campo em direção às cidades, entre 1960 e 1991, incluindo nesse dado o efeito indireto da migração, os filhos dos migrantes nascidos nas cidades (BRITO, 2006). Vejamos:

QUADRO 01 - Percentual de população migrante e imigrante no Brasil (1950-2000)

Década	Migrantes (%)	Imigrantes (%)	Total da População
1950	-	2,33%	51.944.397
1960	7,60%	1,97%	70.992.343
1970	19,01%	1,32%	93.134.846
1980	16,74%	0,93%	119.011.052
1991	6,12%	0,52%	146.825.475
2000	15,34% ⁴	0,40%	169.590.693

Fonte: População com menos de 10 anos de residência na Unidade da Federação da coleta de dados. Censos Demográficos do IBGE, 1950-2000.

⁴ Esse aparente crescimento da migração pelo país tem relação com a metodologia de coleta de dados do censo, já que em 2000, considerou-se, além da migração interestadual, também a migração intraestadual, ou seja, os deslocamentos entre cidades do mesmo estado (CUNHA, 2005). Dessa forma, o percentual de migrantes no período anterior pode ser muito superior ao apontado pela tabela.

Outro dado da tabela que merece atenção é o percentual de imigrantes que chegaram ao Brasil nesse período. É um número demonstrativo de que as consequências decorrentes dos deslocamentos internos da população são mais expressivas do que aquelas geradas pelos fluxos de indivíduos que chegam do exterior. Portanto, tal informação valida em parte nosso esforço em buscar compreender os processos sócio-culturais e econômicos que envolvem e envolveram essa grande massa de migrantes que se movimentou pelo território nacional nos últimos 60 anos.

Os dados estatísticos são importantes para demonstrar a expressão dos fluxos migratórios para o entendimento da reorganização social, contudo, o que importa nesse estudo é buscar compreender como os migrantes construíram formas de se inserir nos novos espaços de sociabilidade, tais como as instituições escolares nos locais de destino. Segundo Bauman (2009, p.79-80), por toda parte que os migrantes chegaram, estabeleceram-se conflitos culturais, multiplicando-se as manifestações de sentimento racista e preconceituoso contra os trabalhadores migratórios e seus familiares que: “[...] representam a fragilidade e a precariedade da condição humana, e ninguém quer se lembrar dessas coisas horríveis todos os dias, coisas que preferíamos esquecer. Assim, por inúmeros motivos, os imigrantes tornam-se os principais portadores das diferenças que nos provocam medo e contra as quais demarcamos fronteira.”

Os diferentes fluxos migratórios pelas regiões do Brasil refletem processos globais de mudanças sociais e econômicas, de maneira que só podem ser compreendidos a partir do conhecimento dessas mudanças. Assim, nos anos de 1950, o Brasil se inseriu na política internacional de consolidação do sistema capitalista, cujo centro orgânico era os EUA. Nesse momento, o país adotou a orientação desenvolvimentista, e ao longo da década de 1960, sob o comando da ditadura civil-militar criou o “milagre econômico”, políticas que mobilizaram grande número de pessoas pelo país, não apenas em direção a região Sudeste, mas também rumo às novas fronteiras econômica e de ocupação territorial no Centro-Oeste e no Norte.

Como apontamos anteriormente, os nordestinos têm sido utilizados, por décadas, como mão-de-obra farta e barata no desenvolvimento econômico do Centro-Sul. Expulsos de suas terras pela seca e pelo latifúndio, baianos, cearenses, paraibanos, piauienses foram atraídos pela possibilidade das “oportunidades ilimitadas”, mas serviram para o enriquecimento da população do centro-sul, e em muitos casos, não tiveram suas expectativas alcançadas, como o acesso a emprego fixo, educação e saúde públicas (SIMÕES, 2010).

Ao mesmo tempo em que esses migrantes chegaram aos seus novos destinos, teve início a construção do estereótipo desse grupo que se baseou em suas características étnico-raciais, além das culturais. Desde então, o preconceito contra esses migrantes vem sendo reproduzido, difundindo-se expressões como “coisa de baiano” visando-se depreciar algum trabalho específico, ou mesmo fazendo referência aos traços físicos como o “pessoal de cabeça chata” ou o “povo de pele escura”.

Essa dinâmica estabelecida entre os naturais da região e os migrantes revela instrumentos de poder que produzem significados nesse encontro, hierarquizando-se a diversidade étnico-cultural, a partir de um discurso biológico que reforça a categoria de raça como escala na socialização dos indivíduos. Esse critério é que organizaria a nova estrutura social:

[...] a raça, como traço fenotípico historicamente elaborado, é um dos critérios mais relevantes que regulam os mecanismos de recrutamento para ocupar posições na estrutura de classes e no sistema de estratificação social. Apesar de suas diferentes formas (através do tempo e do espaço), o racismo caracteriza todas as sociedades capitalistas multirraciais contemporâneas. Como ideologia e como conjunto de práticas cuja eficácia estrutural manifestasse numa divisão racial do trabalho, o racismo é mais do que reflexo epifenomênico da estrutura econômica ou um instrumento conspiratório usado pelas classes dominantes para dividir os trabalhadores. Sua persistência histórica não deveria ser explicada como mero legado do passado, mas como servindo aos complexos e diversificados interesses do grupo racialmente supra ordenado no presente (HASENBALG, 1979, p.118).

Nesse sentido, compreender a forma com que os migrantes e seus filhos se inseriram e construíram formas de permanência nas escolas do Pontal Mineiro também revela parte dos interesses de grupos que buscam controlar as classes populares. Porém, é preciso reconhecer que essa dinâmica cultural, estabelecida entre os que “estão” e os que “chegam”, nunca é binária, opondo dois lados claramente distintos numa mesma arena, constituindo-se identidades prontas. A cultura e a identidade são sempre processos inacabados, fluxos que atravessam e são reconfigurados por grupos e sujeitos, que combinam em seus repertórios símbolos e significados de acordo com seus interesses e interações sociais e materiais em que estão envoltos (SILVA, 2007).

Antes de abordarmos nosso objeto em específico, buscaremos visualizar alguns dos principais conceitos adotados no campo da História da Educação para o estudo da relação entre migrações e a educação.

Processos Migratórios e História da Educação

Ao nos inserirmos na tarefa de investigação dos fluxos de migrantes originários da região Nordeste para o Pontal Mineiro (1950-2000), buscamos nos apropriar do referencial teórico que a área vem utilizando para abordar a relação migrações e educação. Fizemos a opção pelo levantamento dos trabalhos publicados em dois dos principais eventos: o Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação e o Congresso Brasileiro de História da Educação, já que consideramos que esses congressos fornecem amostragens representativas das discussões desenvolvidas neste campo da ciência.

Dessa forma, corroboramos com Magalhães (2005, p.95) a idéia de que os congressos são “importantes momentos de exposição e inventariação” de determinado campo do saber, em função do grande número de participantes e complexa logística que envolvem. Também são oportunidades de interlocução e fonte que possibilitam perspectivar novas propostas de pesquisas e estabelecimento de projetos coletivos.⁵

Nossa constatação, em princípio, foi a de que as possibilidades de interlocução seriam limitadas tanto pelo restrito número de trabalhos nessa temática, como pela

⁵ Em relação à metodologia de trabalho adotada na análise dos dados apresentados nessa seção, realizamos a tabulação dos textos a partir da leitura dos títulos e resumos das comunicações publicadas nos últimos 06 eventos ocorridos no período entre 2006 e 2011, permitindo estabelecer comparativos nessas séries. Elegemos apenas os textos que se referiam as diferentes migrações de forma explícita para posterior consulta aos trabalhos completos.

prioridade que os poucos estudos existentes têm dado as migrações externas, ou seja, a abordagem no campo da História da Educação foca a relação migração e educação tendo como ponto de partida, sobretudo, a investigação das escolas étnicas, vejamos:

QUADRO 02 - Trabalhos Publicados com a Temática Migrações - VI - COLUBHE: Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação - Uberlândia (2006)

Trabalhos	Títulos	Autores
01	As Categorias Etnia e Imigrante na História da Educação Brasileira	Maysa Gomes Rodrigues – UFMG
02	Memórias da Infância e Histórias da Educação de Imigrantes Estrangeiros no Brasil	Magda Sarat - UFMS
03	A Educação Judaica na Interventoria de Agamenon Magalhães	Maria Amélia Moraes e Silva e José Edilson F. de Souza - UFP
04	O Ensino de Inglês para Imigrantes Trabalhadores nas Fábricas dos EUA no Início do Século XX: o Método Roberts	Andrew Blake Boyd - PUCSP

Fonte: Anais do VI – COLUBHE, CDRotm, Uberlândia, 2006.

QUADRO 03 - Trabalhos com a temática migrações - VII - COLUBHE: Cultura Escolar, Migrações e Cidadania – Porto-Portugal(2008)

Trabalhos	Títulos	Autores
01	Biografias de imigrantes portugueses e lusoafRICANOS – experiências educacionais na Infância	Zeila de Brito Fabri Demartini - UMESSP – CERU
02	Imagens literárias da emigração dos inÍcios do século XX	Anabela Mimoso - Universidade Lusófona do Porto
03	O processo de nacionalização das escolas de imigrantes no Brasil, durante a ditadura Vargas	Valquiria Elita Renk –UFPR – PUC-PR
04	Impressões escolares “escolas étnicas” em Minas Gerais no relato dos inspetores Escolares	Maysa Gomes Rodrigues Universidade FUMEC – UFMG
05	A (re)construção da identidade portuguesa na imprensa imigrantista do Rio de Janeiro: a História de Portugal na revista ‘Lusitania’ (1929-1934)	Carla Mary S. Oliveira - UFP
06	O Brasil como um país de raÍzes lusas: a imigração portuguesa e a escola nacionalista nas décadas de 1930-1940	Neide Almeida Fiori - Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL
07	Escolas étnicas no Brasil e a formação do estado nacional: a nacionalização compulsória das escolas dos imigrantes (1937-1945)	Lúcio Kreutz - Instituição Universidade de Caxias do Sul / UCS

08	Espaços associativos portugueses no Brasil na «idade de ouro» da imigração (1837-1930): educação e difusão cultural	Maria Beatriz Trindade - Centro de Est. Migrações e Relações Intercult. – Univ.Aberta-Portugal
09	Educação infantil no município berço da imigração alemã no sul do Brasil: histórias e políticas anteriores a 1988	Beatriz Fischer - Universidade do Vale do Rio dos Sinos / BRASIL
10	A imigração alemã e os primórdios da educação na Petrópolis Colônia (1843-1860)	Maria das G.Duvanel Rodrigues - Univ. Cat. de Petrópolis (UCP)
11	Pesquisa histórico – sociológica, imigração e educação: as fontes e sua análise	Zeila de Brito Fabri Demartini / UMESP-CERU
12	Um olhar para a educação em Portugal na década de 20 desde a carta a um imigrante	Vivian Carla Calixto dos Santos, Thais Surian – UNESP/Rio Claro
13	Crianças portuguesas e espanholas no Asilo de Órfãos de Santos, Brasil, na passagem do século XIX para o século XX	Marina Tucunduva Bittencourt Porto Vieira - FE-USP
14	Imigrantes italianos e suas escolas no Rio Grande do Sul, Brasil	Terciane Ângela Luchese - IUCS/ UNISINOS
15	A imigração italiana na cidade de Sorocaba e a experiência escolar no final do século XIX e início do século XX	Wilson Sandano, Jefferson Carmo -Universidade de Sorocaba e Ivanilson Silva - USP
16	Concepções educacionais germânicas transplantadas para o Brasil: os espaços educativos dos imigrantes alemães em Curitiba de 1853 a 1889	Ariclê Vechia - Universidade de Tuiuti do Paraná
17	Imigração protestante norte-americana e ilustração brasileira no século XIX	Cesar Romero Amaral Vieira – UNIMEP
18	A migração de pessoas Portugal-Brasil-Portugal (1840-1930) e o trânsito de modelos educacionais. As escolas doadas.	Margarida Louro Felgueiras, Ana Paula Afonso de Faria - CIIÉ– FPCEUP
19	O lunar de Sepé e a derradeira migração: aeducação jesuítica entre as coroas de Espanhae Portugal	Dermeval Saviani - UNICAMP
20	“O que é ser cidadão?” – histórias contadas por jovens e adultos migrantes nordestinos numa escola do interior de São Paulo.	Eliane Aparecida Bacocina – UNESP/Rio Claro
21	Constituição da identidade profissional docente num processo migratório: vida de migrantes professoras	Janice Lando - UESB / UFBA
22	A saga de uma professora – poetisa migrante	Diomar das Graças Motta-UFMA

Fonte: Anais do VII – COLUBHE, Caderno de Resumos, Porto-Portugal, 2008.

QUADRO 04 - Trabalhos Publicados com a Temática Migrações - VIII COLUBHE: Infância, Juventude e Relações de Gênero na História da Educação - São Luís (2010)

Trabalhos	Títulos	Autores
01	Identities em Conflito: <i>Mennonitentum</i> X Nacionalismo Brasileiro	Francielly Giachini Barbosa – UFPR
02	Educando as Meninas da Colônia: a Escola Feminina em Dois Núcleos Italianos	Eliane Mimesse Prado - UTP e Elaine Cátia F. Maschio - UFPR
03	Representações Sobre Infância e Escola entre Imigrantes Italianos e seus Descendentes em Curitiba no Final do Século XIX	Elaine Cátia Falcade Maschio – UFPR
04	O Processo de Nacionalização das Escolas Étnicas Polonesas-Ucranianas no Paraná-Primeira República	Valquiria Elita Renk - PUC-PR
05	Celebrações do Saber: Exames Finais nas Escolas da Região Colonial Italiana- RS, 1875 a 1930	Terciane Ângela Luchese - Universidade de Caxias do Sul
06	Wilhelm Schlüter e o Ensino de Música nas Comunidades Teuto-Brasileiras: Contribuição Alemã para a História da Educação Musical no Brasil	Luciane Wilke Freitas Garbosa – UFSM
07	O Currículo das <i>Escolas Italianas</i> : uma Adaptação às Circunstâncias Locais?	Maysa Gomes Rodrigues –FU-MEC
08	A Participação do Governo Japonês na Educação dos Imigrantes e a Escola Japonesa de Santos	Rafael da Silva e Silva –UNI-SANTOS
09	Imigração, Juventude e Educação nos Roteiros do Além Mar: A Presença da Família Silva Gonçalves em Terras Fluminenses	Regina Márcia G.Crespo/Valéria Maria N. C. O. Lima – Instituto Sup. Educ.Prof.Aldo Muylaert
10	Formação Musical de Professores para o Ensino nas Escolas Teuto-Brasileiras: <i>Deutsches Evangelisches Lehrerseminar (1931-1938)</i>	Luciane Wilke Freitas Garbosa -UFSM-RS
11	Mulheres Migrantes Nordestinas e Escolarização em Ituiutaba-MG (Anos 1950-1960)	Sauloéber Tarsio de Souza e Daiane de Lima S.Silveira- UFU

Fonte: Anais do VIII – COLUBHE, CDRom, São Luís, 2010.

Fazendo rápida análise dos quadros aqui apresentados é possível observar alguns pontos que são bastante evidentes a partir das informações neles contidas:

- a) a tradição de pesquisa no campo da História da Educação quando se enfoca os fluxos migratórios e sua relação com a educação é nitidamente voltada para grupos de migrantes externos, com destaque aos portugueses (09), alemães (07) e italianos (06);
- b) em relação as migrações internas é evidenciado que existem poucos trabalhos que analisam as relações no interior das escolas observando-se os grupos de migrantes, mas todos os quatro (04) textos abordavam as experiências migratórias da população originária da região Nordeste;
- c) a escolha da temática do evento tem impacto direto no número de trabalhos relacionados ao eixo central, como vemos acima, o Luso em Porto (2008) por conter o conceito de migrações em sua proposta, acabou multiplicando os trabalhos publicados (22) voltados ao estudo da relação educação escolar, migrantes e história;
- d) como as pesquisas têm focado a migração externa, as regiões Sul e Sudeste é que produziram o maior número de trabalhos nesses eventos com 15 e 13 respectivamente, reflexo dos fluxos migratórios para essas regiões.

Vejamos os dados do Congresso Brasileiro de História da Educação, no período entre 2006 e 2011:

QUADRO 05 - Trabalhos Publicados com a Temática Migrações - IV CBHE: A Educação e seus Sujeitos na História - Goiânia (2006)

Trabalhos	Títulos	Autores
01	A Cultura Material Escolar na <i>Deutsche Schule</i> : um Olhar Histórico	Regina Maria Schimmelpfeng de Souza
02	Língua Alemã no Currículo do Collegio Allemão de Pelotas (1913)	Maria Angela Peter da Fonseca e Elomar A. C. Tambara - UFPEL
03	Processo de Homogeneização Cultural em Santa Catarina via Canto Orfeônico - Ditadura de Vargas	Tânia Regina da Rocha Unglaub – UFSC
04	Das Escolas de Improviso às Escolas Planejadas: um Olhar sobre os Espaços Escolares da Região Colonial Italiana, RS	Terciane Ângela Luchese – UNISINOS/UCS
05	A Importância da Escolaridade e Identidade Étnica nas Escolas de Imigrantes Alemães em Curitiba	Valquíria Elita Renk – PUC-PR
06	A Escola da Società Italiana Di Beneficenza de Santos (1897-1942)	Márcio Brasil – UNISANTOS
07	A Formação da Identidade na Educação Pomerana Inserida no Sínodo de Missouri	Patrícia Weiduschadt e Elomar Tambara – UFPEL
08	La Moralità e L'Intrusione: a Educação Masculina em uma Colônia Italiana no Paraná (1890-1910)	Elaine Cátia F. Maschio – FACINTER

Fonte: Anais do IV – CBHE, Ed. UCG, Goiânia, 2006.

QUADRO 06 - Trabalhos Publicados com a Temática Migrações - V CBHE: O Ensino e a Pesquisa em História da Educação - Aracaju (2008)

Trabalhos	Títulos	Autores
01	<i>A Deutsche Schule</i> de Curitiba: Recriando a Cultura Pedagógica Germânica (1868-1889)	Ariclê Vechia – Universidade Tuiuti do Paraná
02	Magistério nas Escolas da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul, 1900-1939	Lúcio Kreutz – UCS
03	A Atuação das Congregações na Região Colonial Italiana, RS – 1875 a 1930: Religião e Escolarização	Terciane Ângela Luchese – UCS
04	O “Perigo” do Estrangeiro: Ações e Práticas Nacionalizantes Ensino Durante o Estado Novo	Aline Choucair Vaz – UFMG
05	Aprendi Falar Português na Escola – O Processo de Nacionalização das Escolas de Imigrantes no Paraná	Valquíria Elita Renk - UFPR/PUC-PR
06	Entre a Prescrição e a Prática: Revisitando as Experiências Vividas em uma Escola de Imigrantes Italianos, o Colégio Marconi em BH (1936-1945)	Hércules Pimenta dos Santos – UFMG
07	Escola e Identidade Étnica: Investigando a Constituição de Sujeitos Étnicos em uma Escola Pública (Criciúma, 1953-1964)	Dorval do Nascimento – UNESC
08	Educação e Processo de Aculturação nas Colônias Japonesas do Brasil (1908-1974)	Maísa dos Reis Quaresma – Univ. Castelo Branco-RJ
09	Escolas Comunitárias Étnicas Italianas no Rio Grande do Sul: Ensinar a Ler, Escrever e Calcular	Terciane Ângela Luchese – UCS
10	Etnia e Identidade: Iniciativas Escolares de Imigrantes Poloneses no Rio Grande do Sul	Evaldo Antonio Kuiava – UCS
11	Sorriso-MT: As Implicações da Migração nas Escolas “São Domingos” e “Vila Bela”	Regiane Cristina Custódio – UNEMAT-Tangará da Serra
12	A Ação das Irmãs da Divina Providência na Direção de Grupos Escolares em Região de Migração e Colonização Recente em Mato Grosso (1968-1978)	Carlos Edinei de Oliveira – UNEMAT

Fonte: Anais do V – CBHE, São Cristóvão/Aracaju, 2008.

QUADRO 07 - Trabalhos Publicados com a Temática Migrações - VI CBHE: Invenções, Tradições e Escritas na História do Brasil - Vitória (2011)

Trabalhos	Títulos	Autores
01	<i>Mennonitentum</i> : Identidade Étnica Menonita	Francielly Giachini Barbosa – Univ. Federal do Paraná
02	Ser Estrangeiro em seu Próprio País: o Desconhecimento da Língua Nacional nas Escolas Étnicas do Paraná	Valquíria Elita Renk –PUC-PR
03	Histórias contadas, Memórias Reveladas: o cotidiano escolar em duas colônias italianas Narrado por Antigos Alunos	Eliane Mimesse Prado – Univ. Tuiuti Paraná / Elaine Cátia F.Maschio – UFPr
04	As Escolas Italianas das Sociedades de Mútuo Socorro de Curitiba: Instruir a Infância e Fortalecer a Identidade Étnica	Elaine Cátia Falcade Maschio - Universidade Federal do Paraná
05	As Associações de Mútuo Socorro e suas Escolas Étnico-Comunitárias Italianas: a Circulação de Saberes e as Conformações Identitárias	Terciane Ângela Luchese - Universidade de Caxias do Sul
06	Escolas Étnico-Comunitárias Italianas e seus Materiais Didáticos em Época de Fascismo, Região Colonial Italiana do RS (1922 a 1938)	Terciane Ângela Luchese / Lúcio Kreutz - Univ. de Caxias do Sul
07	Docentes e Práticas Escolares na Escola Japonesa de Santos (1930 – 1943)	Rafael da Silva e Silva – Univ. Católica de Santos
08	Memória e História:os Pomeranos da Serra dos Tapes	Carmo Thum – FURG
09	A Invisibilidade do Imigrante na Política Educacional Mineira (1888 - 1912)	Maysa Gomes Rodrigues – FUMEC
10	Escolarização e Migrantes Nordestinos no Triângulo Mineiro (Ituiutaba - 1950 e 1960)	Sauloéber Tarsio de Souza / Daiane Lima S. Silveira- UFU
11	Das <i>Alagoas</i> às <i>Gerais</i> : Nordestinas Migrantes e Escolarização no Pontal Mineiro (Anos 1950-1960)	Daiane de Lima Soares Silveira – UFU

Fonte: Anais do VI – CBHE, CDRom, Vitória, 2011.

Os dados obtidos nos últimos três CBHEs apontam para algumas aproximações em relação às tabelas anteriores, mas também especificidades, como podemos salientar:

- a) É evidente o foco nos fluxos migratórios externos, destacando-se os estudos sobre imigrantes alemães (09) e italianos (09), entre final do século XIX e início do XX. A diferença em relação ao COLUBHE é a ausência de trabalhos cuja preocupação estaria em torno dos imigrantes portugueses.

- b) Os estudos cujo foco é o imigrante, têm sido realizados em instituições das regiões Sul e Sudeste, com destaque a primeira onde se localizam 10 delas.
- c) Em relação aos estudos que elegem as migrações internas da população para investigar seus reflexos na educação ao longo da história continuam bastante restritos: dos 30 trabalhos presentes nestes eventos apenas 04 (13%) focaram os migrantes, número aproximado do encontrado no COLUBHE (10%).

Ressaltamos o esforço dos pesquisadores que se debruçam na investigação dos movimentos migratórios externos e sua relação com a escolarização, mas é preciso reconhecer a necessidade de se investir na observação dos imensos deslocamentos populacionais entre as diferentes regiões do país ocorridos a partir dos anos de 1950, estudando seus reflexos para os sistemas educacionais e seus sujeitos.

No conjunto dos textos produzidos e publicados nesses eventos destacam-se alguns pontos importantes e comuns a eles. O foco no fenômeno da migração surge em quase a totalidade dos eixos dos congressos, especialmente naqueles que tem em sua proposta temática a categoria etnia, mesmo que fique também evidenciado que apesar dos trabalhos estarem ligados à História da Educação, tem recortes plurais e avançando em várias perspectivas espaciais e temporais.

A categoria etnia ou étnico é associada nesses trabalhos há diferentes abordagens que se desenvolvem em direção semelhante, o que nos permite ressaltar as políticas para imigrantes, sua identidade, tradições, rituais e festas, religião, dentre outros elementos que perpassam o étnico e as experiências educativas desses grupos, que são estudadas tendo como ponto de partida a infância, os professores e suas práticas (métodos avaliativos e as disciplinas), o cotidiano escolar (o aprendizado bilíngüe, as festas e rituais), entre outros.

Nesse breve inventário, destacamos dois textos que tratam do estado da arte em relação à pesquisa histórico-educativa que tem como preocupação a relação entre migração e educação: “As Categorias Etnia e Imigrante na História da Educação Brasileira” de Maysa Gomes Rodrigues (UFMG) e “Pesquisa histórico – sociológica, imigração e educação: as fontes e sua análise” de Zeila de Brito Fabri Demartini (UMESP-CERU).

O primeiro texto busca analisar as categorias etnia e imigrantes a partir do estudo de anais de congressos de História da Educação no período entre 1995 e 2005, fazendo o recorte dos eixos que contemplavam a etnia em sua temática central.⁶ Em relação a suas conclusões, corroboramos com a autora ao menos duas delas, a primeira referente a uma certa “geografia da produção”, como afirma:

⁶ Rodrigues (2006, p.1356) encontrou 23 textos que foram base para suas reflexões: “Foram analisados trabalhos apresentados nos seguintes eventos: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (CLBHE), (05 congressos bienais); o Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), (03 congressos bienais); a Reunião anual da ANPEd (10 encontros anuais) e o Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais (CPEHEMG), (03 congressos bienais). A seleção dos trabalhos se fez a partir de eixos organizadores de três congressos que contemplavam a etnia, e no caso da Reunião anual da ANPEd, foram analisados os trabalhos apresentados no Grupo de Trabalho História da Educação, uma vez que esse evento não se organiza por eixo temático.”

A geografia da produção de estudos sobre educação de imigrantes, nos posiciona diante de um cenário que apresenta a importância assumida pelo fenômeno da imigração nos estados do sul e sudeste brasileiros, reiterando nesse processo o significado e o impacto que este fenômeno teve em determinadas regiões do país, bem como a influência, a permanência das culturas, e extensão dos processos educativos de características étnicas (RODRIGUES, 2006, p.1357).

A segunda observação refere-se ao conceitual em torno de etnia quando ressalta os trabalhos de Kreutz presentes nesses eventos com regularidade e salientando sua preocupação em definir etnia, o que diferiu da maior parte dos trabalhos: “Em sua análise sobre etnia está presente sua relação com a cultura, como um processo relacional, tal e qual o étnico, que se caracteriza pelo ‘conjunto de elementos selecionados dentro de uma herança cultural que serve para simbolizar a distintividade de um grupo’.” (RODRIGUES, 2006, p.1366).⁷

Também em nossa avaliação, destacamos os textos de Kreutz ou aqueles ligados ao seu referencial teórico, e mesmo que o número de pesquisadores dedicados ao estudo dessa temática tenha se diversificado no período subsequente (2006-2011), talvez em função também do aumento do número de instituições e programas de pós-graduação em educação, especialmente na região Sul, o conceito de etnia em Kreutz continuou aparecendo de forma regular nesses trabalhos aqui elencados. Vejamos sua concepção:

Isso significa que a etnia, ou seja, o pertencimento étnico em processo, concorre na constituição de sujeitos e de grupos. É um elemento constituinte de práticas sociais e, ao mesmo tempo, as práticas sociais vão constituindo a reconfiguração étnica. [...] Isso significa que a educação é etnicizada, “atravessada” pela etnia. O étnico é elemento de diferenciação social, influi na percepção e na organização da vida social. Ele não se dá no abstrato. Manifesta-se nos símbolos, nas representações e nas valorações de grupos. O étnico concorre para que a uma forma específica (KREUTZ, 1999, p.80)

Por meio desta definição, compreende-se que o uso da categoria etnia vai muito além daquele aqui apresentado, referindo-se apenas a relação entre imigração e educação escolar. Tem sido utilizada também para se discutir a educação indígena e a dos negros no interior do campo da História da Educação, bem como norteando trabalhos cuja proposta é o estudo da inserção e permanência de nordestinos nas regiões de destino dessa população que há mais de cinco décadas tem se deslocado pelo país de dimensões continentais e características díspares, o que sugere um tipo de migração bastante próxima a condição de diáspora. Por isso, corroboramos com Rodrigues (2006, p.1367) a idéia de que: “É possível tratar o étnico como relativo a nacionalidade, desde que haja a explicitação das circunstâncias dos grupos e das condições que permitem esse tratamento”.

⁷ Já em relação a categoria de imigrante conclui: “Imigrante’ não é discutido no contexto dos trabalhos enquanto categoria – manifesta-se mais como uma unanimidade, e raros estudos ultrapassam a referência da colonização, acreditamos que dada a importância desse fenômeno” (2006, p.1368).

Em relação ao texto de Demartini (2008), destacamos a preocupação da pesquisadora em discutir os avanços e as principais dificuldades metodológicas nos estudos sócio-históricos cujo foco seria a relação entre migração e educação escolar. Como muitas vezes a fonte oral se apresentou de forma mais eficaz para se trabalhar com objeto marginal (já que em muitos momentos o imigrante, parecia ser invisível, ou melhor, apenas integrante de estatísticas oficiais), as entrevistas revelaram a inserção das famílias em diferentes campos como econômico, familiar, cultural, educacional, religioso, político etc. Assim, a equipe que Demartini coordenou deveria seguir alguns cuidados:

Os relatos orais, se mereceram um cuidadoso trabalho de fichamento de cada entrevista separadamente, não foram depois analisados isoladamente. Como o objetivo principal, como já afirmamos, era compreender o processo imigratório e as inserções das famílias considerando diferentes campos, passamos em outra etapa a considerar as diferenciações internas ao grupo (nossa amostra pautou-se pela diversidade) para realizar o trabalho comparativo entre os relatos de diferentes sujeitos. Mas também trabalhamos sempre com a perspectiva de complementaridade entre as fontes. Assim, os dados obtidos por meio de fontes escritas e imagéticas, com os quais trabalhamos durante estas pesquisas, serviram como elementos de orientação, de explicitação ou de confrontação com as informações coletadas através dos depoimentos (DEMARTINI, 2008, p.08).

Nesse trabalho, é importante a discussão sobre as metodologias aplicadas aos estudos com migrantes, especialmente a prática da complementaridade entre as fontes, e mesmo que nesse tipo de pesquisa o recurso a história oral tenha prevalecido, não se deve desprezar o cruzamento dos dados. O texto de Demartini distinguiu-se dos demais trabalhos por contribuir para reforçar nossas opções teórico-metodológicas ao pensar os fluxos migrantes de nordestinos para a região do Pontal Mineiro, na segunda metade do século XX, uma vez que privilegiamos as fontes orais, pela restrição de outras de natureza diversa, além de se tratar de público pouco letrado.

Nordestinos no Pontal Mineiro

Como vimos na primeira parte deste trabalho, a associação entre industrialização/urbanização de um lado e migrantes de outro tem sido utilizada para entender a relação estabelecida entre a região de origem e a de destino dessa população. Também já destacamos que a partir da segunda metade do século XX, ocorreram grandes fluxos migratórios pelas diferentes regiões do país, assim, o Pontal de Minas Gerais, que passava por acelerado contexto de crescimento econômico, em função, sobretudo, da expansão da cultura do arroz, tornou-se destino de milhares de famílias que saíam da região Nordeste, sobretudo, para o município de Ituiutaba-MG.⁸

Este município que até a década de 1930 tinha economia voltada as atividades pecuárias, passou a atrair migrantes em busca de diamantes no Rio Tijucu, de forma que o garimpo dividiu com a pecuária o título de atividade predominante na economia local

⁸ Até 1839, esse município era apenas um arraial, neste ano é que se instalou o distrito de “São José do Tijucu” pertencente a Vila de Uberaba. Somente em 1901 que o pequeno arraial seria emancipado, passando a se chamar Vila Platina, e em 1915, a vila foi elevada a categoria de cidade, recebendo o nome de Ituiutaba (FERREIRA, 1980).

até a primeira metade da década de 1940. É nesse período que a agricultura se projetaria como nova atividade que mobilizaria grandes recursos físicos e humanos, de maneira que Ituiutaba tornar-se-ia o centro da indústria de beneficiamento de grãos, atingindo seu auge nas décadas seguintes, estimulando o desenvolvimento econômico da região. Vejamos alguns números:

TABELA 01 - Agricultura – Produção agrícola em Ituiutaba (safras de 1955 e 1967)

CULTURAS AGRÍCOLAS	Unidade	PRODUÇÃO		Diferença %
		1955	1966/1967	
Arroz	Saco 60 kg	600 000	2 600 000	333,0
Milhow	Saco 60 kg	400 000	1 500 000	275,0
Algodão	Arroba	200 000	340 000	70,0
Mandioca	Tonelada	44 000	35 000	(20,5)
Feijão	Saco 60 kg	50 000	40 000	(20,0)
Laranja	Cento	300 000	–	–
Banana	Cacho	200 000	–	–

Fonte: SILVA (2012, p.70)

Esse incremento produtivo na agricultura do pontal impulsionou também sua incipiente industrialização de forma que na década de 1960, Ituiutaba contava com mais de 100 máquinas de beneficiar arroz e seus sub-produtos (NOVAIS, 1974). Tal crescimento impactou no equipamento urbano:

Nos anos de 1950, o poder público do município preocupou-se com o Plano Urbanístico, com ampliação dos serviços de abastecimento de água e de iluminação pública, arborização e calçamento de ruas, construção de prédios públicos, buscando atender às demandas da população que se avolumava. Na década seguinte, a mudança urbanística acelerou-se ainda mais, com a chegada do asfalto, a construção de praças, implantação do Distrito Industrial e do primeiro Campus Universitário no município (SOUZA; SILVEIRA, 2010, p.247)

Além dessas mudanças, outros setores sociais também se alteraram de forma intensa, como o da educação (rede escolar), que a partir de 1950, vê o número de suas escolas estaduais passarem de apenas 02 para 07, e na década seguinte, outras 08 seriam criadas, de forma que no ano de 1970, a educação escolar do município era marcadamente pública.⁹

O aumento das oportunidades de escolarização era um dos reflexos do processo de crescimento populacional e de urbanização, o que ocorria em várias outras regiões do país, já que a expansão das lavouras dependia do aumento do plantio e para isso era necessário se liberar terras produtivas, o que contribuiu para a acelerada urbanização do município:

⁹ Essa temática já foi explorada no artigo: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/11461/6724>

QUADRO 8 - População Rural e Urbana do Município de Ituiutaba

ANO	População Rural	%	População Urbana	%	Totais
1940	30.696	88%	4.356	12%	35.052
1950	43.127	81%	10.113	19%	53.240
1960	39.488	55%	31.516	45%	71.004
1970	17.542	27%	47.114	73%	64.656 ¹⁰
1980	9.094	12%	65.153	88%	74.247
1991	6.372	8%	78.205	92%	84.577
2000	5.234	6%	83.589	94%	88.823

Fonte: Fundação IBGE – Censos Demográficos dos anos de 1940 a 2000.

O desenvolvimento dessa região só foi possível por meio da contribuição importante dos migrantes nordestinos, uma peculiaridade do Pontal Mineiro. E foi a partir desse contexto de grandes mudanças que se construiu a imagem em torno da figura do migrante, que seria moldada também no interior das escolas, já que nas cidades os filhos dos migrantes passariam a frequentar essas instituições.

Os fluxos migratórios para essa região de Minas Gerais configurou-se em pelo menos dois diferentes formatos:

a) entre os anos de 1940 até fins dos anos de 1960, boa parte dos indivíduos migrou acompanhando o **êxodo rural em massa**, muitos não retornariam a sua terra de origem, já que as viagens nesse período, no “pau-de-arara”, demoravam semanas e em condições precárias. Além disso, com o tempo a segunda geração dos migrantes se enraizou experimentando algum grau de ascensão social.

b) a partir dos anos de 1970 há um refluxo dos migrantes, relacionada a queda nas atividades agrícolas, mas a partir da década de 1980, com o plantio da cana-de-açúcar, tem início a **migração temporária**, ligada ao período da safra e que gerou o fenômeno do “aluno sazonal” em algumas escolas. Esse tipo de migração foi facilitado pelo avanço do setor de transportes, cujas viagens passaram a ser feitas em excursões de ônibus, além da pavimentação dos caminhos percorridos entre as regiões.

Alguns depoimentos colhidos desses dois momentos distintos esclarecem parte desses processos e reforçam nossas hipóteses. Sobre o fluxo migratório iniciado ainda nos anos de 1950, assim afirmaram nossos colaboradores residentes atualmente no Rio Grande do Norte e que trabalhavam transportando migrantes:

Eu sei lá quantas vezes eu fui em Minas Gerais eu perdi a conta... [...] Vixi Maria!!! Sei que a primeira vez nos gastamos 19 dia... (risos) É, não tinha estrada. Passemos até

¹⁰ O decréscimo populacional entre os anos de 1960 e 1970 decorreu da emancipação política de alguns distritos administrados pelo município de Ituiutaba.

em ponte veia de pau que o carro passou... a ponte caía (risos)... (FALEIROS, 2011)
E também: É, é... era caminhão, pouco caminhão. Eu fui a primeira viagem, passei 15 dias pra chegar lá, 15 dias... E pra ir e volta, foi 33 dias! (RODRIGUES, 2011)¹¹

O maior fator de expulsão dos homens e mulheres da região Nordeste ao longo das primeiras décadas do século XX foram as grandes secas. Lançar-se ao desconhecido e nessas condições precárias de viagem era a única alternativa a milhares de sertanejos em busca de sobrevivência. De acordo com Pompeu Sobrinho (p.15):

Na primeira metade do século XX, o Nordeste experimentou 4 secas calamitosas, nos anos de 1915, 1919, 1932 e 1942. À meia centúria, que se iniciara sob a influência da terrível seca de 1900, terminou nas vésperas de um quinto flagelo climático, que se desenrolou, mais ou menos acentuado de 1951 a 1953.

Em um dos depoimentos de colaborador que retornou para seu Estado (RN), a falta de chuva é apontada como motivação para migrar: “Ia pra lá porque chove demais, lá tinha mais serviço né. Aqui era seco, era seco... Lá não! Lá chovia todo ano e o povo se mandava pra lá (FEIJÓ, 2011)”. Além dos flagelos naturais, a migração também era motivada pelas notícias em rádios que veiculavam a idéia de que o Pontal Mineiro seria um “novo eldorado”. Os parentes que migraram em fins dos anos de 1940 enviavam recados a seus familiares informando sobre as oportunidades de trabalho na lavoura, o que daria início a atividade do “agenciador de mão-de-obra” responsável pela intermediação entre fazendeiros e trabalhadores.¹²

Em geral, os migrantes saíam de sua terra endividados com as despesas da viagem, assim, os fazendeiros compravam essas dívidas em troca do trabalho dos nordestinos: “Agente só pagava depois que chegasse lá.” (COSTA, 2011) E também:

Depois vem pra fazenda, vai trabalhar. É como escravo, mas, não era escravo, mas era escravo. Certo? Então enquanto ele não pagasse a dívida, ele não começava a receber nada, e aí tinha uns que desacorçoava e ia embora. Sumia de madrugada, certo? Largava o patrão, de a pé. O patrão corria atrás, aprontava uma bagunça. [...] Essa vida nordestina, antigamente era difícil. (FARIAS, 2011).¹³

Em uma das viagens de um motorista que fazia essa rota nos anos de 1950-60, ele relatou o destino de alguns dos trabalhadores: “Cheguei lá fomo entregar as arara na fazenda. [...] Ia de fazenda em fazenda só entregando... vendendo as arara (risos) [...]”

¹¹ Em outro depoimento, o colaborador que migrou para Minas revela porque os caminhões não seguiam pelas estradas: “Aí entramos no caminhão, a viagem começou. Ali viaja o dia inteiro até as dez da noite. [...] Para pro almoço, para na estrada, faz comida debaixo do caminhão numa trempe de pedra, outros só come o arroz, uma carne com uma farinha. Uns faz o feijão. Toma banho nos rios, [...] É uma viagem pra dentro do mato. Naquele tempo era proibido, não tem rodovia, era tudo estrada de terra. [...] Eu lembro que não era nosso caminhão, mas veio outro caminhão junto. Morreu uma criancinha no pau-de-arara. Certo? Foi mais um dia parado na beira da estrada pra fazer o sepultamento dessa criança. Pra mãe e o pai e os parente largar aquela criança no meio da estrada e continuar a viagem.” (FARIAS, 2011)

¹² Esse dado pode ser reafirmado pelos depoentes: “[...] Porque tinha um irmão que morava lá, há muitos anos. [...], ai em 58 foi uma seca braba, ai ele... ele chamo nois, fomo embora pra lá... (FEIJÓ, 2011).”

¹³ O trabalho para que eram contratados era extremamente pesado: “Trabaiei na lavoura arrancando toco Trabaiaava num pagava nem a bóia...” (FALEIROS, 2011) E ainda: “Nóis... nós... colhia arroz de cutelo, quebrava milho na mão, tudo era manual, [...] (FEIJÓ, 2011).”

Nem bem chego, quando foi no outro dia eles escaparam... [...] Fugia pra num paga... (risos) [...] Tinha vez que saía 10 pau-de-arara daqui...” (FALEIROS, 2011).¹⁴

Dessa maneira, os nordestinos “Espalharam-se por essa vasta região trazendo seu modo de vida, sua linguagem, estabelecendo diferenças que deram origem a interpretações variadas, gerando explicações, conceitos e preconceitos.” Passaram a ser chamados de “‘nortistas’, ‘pau-de-arara’, ‘barriga-verde’, ‘caicó’”, com seus hábitos e costumes e às vezes com a “peixeira” na cintura, delineou-se um perfil de indivíduos rudes e violentos, e, portanto, deveriam ser mantidos a distância (SILVA, 1997, p.8-9).

Rapaz, os mineiro de primeiro quando chegava lá, os mineiro achava que nois não era brasileiro não. [...] Aquilo era tudo cismado... cismado! [...] Os primeiro que foi, que nem o tio meu, embarcado num navio pro Rio de Janeiro, [...] ai é que... nesse tempo é que eles achava que os nortista não era brasileiro não meu fio... (FEIJÓ, 2011)

A maior parte dos migrantes viajava com pouco ou nenhum grau de escolarização: “Estudava, mas agente não tinha tempo... é... começou a andar tinha que trabalhar mesmo... [...]” (FALEIROS, 2011) E outro depoente quando indagado se havia estudado no Rio Grande do Norte ou em Minas: “Em canto nenhum! Quando eu era pequeno, naquele tempo era tudo pago ai nois não podia, né... era pago!” (FEIJÓ, 2011). Aos meninos caberia ajudar no sustento da família, enquanto que no novo espaço social, as filhas dos migrantes tinham maior possibilidade de acesso e permanência na escola, questão desenvolvida em outro trabalho.¹⁵

Até esse período, a maior parte estava nas fazendas que não contavam com número de escolas adequado para o atendimento a toda a população rural, de acordo com colaborador que migrou para Minas na primeira infância:

E nem existia escola, entendeu. Existia assim, uma professorinha ir lá numa fazenda, um fazendeiro daqueles, arrumava lá um rancho, um ranchinho lá na beira da casa, uma varanda, um rancho lá, um paiol de milho, um trem assim e punha ela pra dar aula e aqueles menino ia pra lá, mas ia quando não tinha serviço, certo. Eu fui assim mesmo, muitas vez pra escola. Nós ia em cinco irmão pra escola, o caderno era um só pra nós cinco. O livro era um só pra nós cinco, certo [...] Ia com um lápis, eu escrevia, depois ele escrevia. (FARIA, 2011).

¹⁴ Referências a violência física contra migrantes foram relatadas: “[...] eu trabaiei em fazenda que os cabra fugiram foram atrás e tinha um nego veio, um baiano, só de matar gente, [...]” (FALEIROS, 2011). E em outra fala: “[...] naquela época era tudo na carabina [...] é lá na divisa do Mato Grosso, lá tinha um cemitério só de [...] Tinha um mineiro veio lá que ele já tinha uns 90 ano... ‘Tem nortista lá?’ Ele falava: ‘isso aqui tudinho!’ Pois aí é tudo nortista, morreu tudo na carabina! Vinha pra Ituiutaba, levava eles... tá entendendo? Lá trabaiaava o ano quando pedia conta, eles dava uns ... na boca da mata, o dinheiro voltava pra trás. Morreu nortista naquele Goiás veio, em Minas Gerais [...] sei que morreu bastante.” Mas quando indagamos se ele havia conhecido alguém que perdera a vida: “Oh... que viajou mais eu até que teve sorte, mas viajava gente de todo canto do mundo, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Pernambuco de todo canto desse mundo ia pra lá...” (FEIJÓ, 2011).

¹⁵ Em um depoimento isso ficou evidenciado: “O pai não dava conta, [...] E aquilo você vai crescendo, aí você vira rapazinho e não dá conta de estudar, que é preciso... aí eles precisa do seu serviço mesmo. Os próprio patrão não aceita você estudar muito, [...] Estudava a metade do ano, seis meses, três meses, parava tudo de volta, ia trabalhar.” (FARIAS, 2011). Quando tinham acesso ao estudo deveriam superar resistências: “Porque quando eu fiz a quarta série na fazenda com o professor José Gonçalves, ele tinha pavor de nordestino.” (ABREU, 2010)

Em movimento gradual, as famílias foram saindo das fazendas “[...] em busca da cidade e do estudo para os filhos e depois, com a crise na agricultura, provocada pelas estiagens no final dos anos 60 e início de 70 (SILVA, 1997, p.101).” Esse dado surgiu em um dos depoimentos: “Nós foi pra fazenda do Antônio Baduí, sabe. Nós foi direto pra fazenda. Fiquemo lá de 53 até 72, na mesma fazenda. Aí de lá que nós viemos pra cá.” (SILVEIRA, 2011)

A partir deste período, o acesso a educação pública começava a se expandir, e como o município já vivia forte processo de urbanização, parte dos migrantes, sobretudo seus filhos, teria sua entrada na escola facilitada com a criação de muitas dessas instituições pelos bairros da cidade, superando os obstáculos e as dificuldades em função de não portarem de forma plena e “legítima” os códigos culturais da região.

Nesse momento, tem início a alteração do público das escolas, muitos migrantes passariam a exercer ocupações urbanas, de maneira que os fluxos migratórios seriam modificados, especialmente a partir dos anos de 1980, crescendo a presença dos migrantes temporários ou sazonais, acompanhando as safras agrícolas, sobretudo, a de cana-de-açúcar. Depoimentos de professoras que atendiam esse novo público (entre as décadas de 1980 e 1990) que acessava as instituições escolares elucidam algumas práticas relativas a diversidade cultural e ao cotidiano escolar que o fenômeno dos migrantes gerava no interior das instituições. A condição do aluno temporário favorecia a evasão:

E que vinha... naquela época agente falava bóia fria né, então eles vinham e iam, sabe não tinham época de chegar e nem de ir, quando começava a safra eles iam embora e não avisavam, os pais não avisam pra gente, sabe não avisavam a escola, então agente ficava com aquilo sempre perguntando né, pela criança, e ninguém sabia informar né? Porque eles iam embora... (MENEZES, 2012) E também: Não muitos saíam quase no final do ano, pai mudava, saía as vezes, chegava aqui quase no final do ano, era aquele sufoco. [...] (MIRANDA, 2012)¹⁶

O estranhamento cultural promovido também pelas diferentes condições sociais do local de origem e de destino dos migrantes fazia com que certas práticas desse grupo fossem rejeitadas e até mesmo anuladas no interior das escolas, mesmo que em alguns depoimentos as professoras que atendiam esse público não assumissem de forma declarada esse tipo de atitude. A questão da higiene dos alunos foi apontada de maneira recorrente nas entrevistas:

[...] não tinha capricho com os cadernos não...e banho assim, muitas vezes chegava sujo, não era aquela coisa assim muito agradável não. [...] É. Dificuldade em relacionamento. (MIRANDA, 2012) E também: [...] difíceis, porque às vezes eles ficam sozinhos em casa, às vezes brincava sozinho na rua, chegavam sujinhos, suados, então existia muita poeira na época né não era tudo asfaltado, então iam sujos mesmo especialmente os uniformes, era uma briga a questão desse uniforme... a cor deste uniforme. (risos). (MORAES, 2012)

¹⁶ E sobre a participação dos pais dos alunos migrantes na escola: “Não, mandava muito comunicado, eles não eram de participar muito das reuniões não, primeiro porque acho que era o horário de serviço deles e não dava certo. [...]” (MIRANDA, 2012)

É evidente que a condição social dos alunos interferia de forma direta no desempenho escolar não sendo uma situação específica ao migrante, o que alguns professores reconheciam: “[...] agente pegava as listas da gente, ai pegava aqueles alunos bem carentezinhos, ai falava deu sorte de pegar, né.. (risos), mas eu acho que não, por isso não, geralmente aqueles que tinha dificuldade né, eles continuava com as dificuldades, não era porque era nordestino não.” (MORAES, 2012)

Outro elemento importante que surgiu nas entrevistas com as professoras foi a questão da marginalização do diferente, em função de acentuados elementos culturais como o sotaque e as vestimentas, além das características físicas (tez morena):

Olha às vezes eles eram diferenciados, os colegas, o sotaque, a maneira de conversar, então os alunos já tinham... tinham uma certa resistência, é naquela época a gente já percebia uma dificuldade de entrosamento entre eles. [...] Eles eram assim muito distante sabe? [...] era o grande problema... É esse eu acho talvez não era tanto a aprendizagem, era esse relacionamento eles se sentiam assim retraídos e os colegas as vezes não queriam fazer, sabe... atividades com eles (MATOS, 2012) E também: [...] o problema que eu achava com eles, que eles tinham muita dificuldade na aprendizagem, assim as vezes até dificuldade em relacionar com os colegas era isso, mas assim, com os professores com eles acho que não. [...] Eles não tinham base, já trazia aquele lá de baixo... de lá. (MIRANDA, 2012)

Em Elias (2000, p.30) encontra-se referência ao comportamento de crianças estigmatizadas: “Verifica-se que as crianças marginalizadas são mais propensas à agressividade e, em certo sentido, materializam os estereótipos que lhes são atribuídos, [...]”¹⁷ Assim, pode-se inferir que a exclusão desses migrantes em sala de aula se refletia na aprendizagem, definida por uma professora não como indisciplina mas uma dificuldade de se organizar para a realização das atividades em sala de aula:

É, a indisciplina mesmo em si não, as vezes uma desorganização do caderno, e as atividades, talvez eu acho eles não entendiam as vezes a maneira nossa por causa da diferença da região. [...] Às vezes também que a classe social que migravam para cá que vinha era mais pobre parece. [...] Me parece que eu ouvia sim dos próprios professores colegas também às vezes achavam que eles sabiam pouco, eles não aprendiam sabe agente percebia isto, eu não sei se teve um entrosamento a diferença né de... de lugar é as vezes talvez aquilo que estavam aprendendo lá não é o mesmo que agente estava ensinando aqui, eu penso assim [...] (MATOS, 2012)¹⁸

¹⁷ Vários depoimentos de alunos migrantes fazem referência a violência física relacionada a sua marginalização, um exemplo: “Mas porque que nós brigava? [...] era cada brigas horrórosas, de esquina, de correr, de tudo quanto era trem. Nós andava armado. [...] Era uma gangue armada. (risos) [...] Nós tinha porrete, tudo escondido. Nós apanhava muito por causa da nossas violências. [...] Mas é porque? [...] Nós, naquela época, chamar de nortista era xingar... Era chegar e eles ficava: ‘nortista, não sei o que’... Aí nós falava: Deixa! Aí se fazia alguma coisa: ‘Foi aquela nortista! Foi as nortista!’ Tudo que acontecia nas escola, era os capeta do nortista!” (ABREU, 2010).

¹⁸ Em um depoimento a colaboradora assim falou sobre o preconceito: “Não, o povo tem uma mania, você sai e olham na gente e fala assim: ‘Você é nortista, né? [...] Como que nortista é uma coisa mal...’” (SILVEIRA, 2011). Em outra fala, a colaboradora filha de migrantes foi alvo de preconceito na infância e também mais tarde na condição de professora. Assim relatou o diálogo com uma gestora de uma tradicional instituição escolar pública do município: “Você vai pedir pra minha escola? Aí eu fui e falei: ‘Não sei...’ Aí eu falei: ‘Por que?’ Ela foi e falou assim: ‘Porque meus alunos aqui tudo tem medo de nordestino, de nortista. Eu não vou aceitar nortista não.’”

O preconceito, portanto, acabava por ser um dos elementos determinantes da evasão escolar, ao lado das precárias condições sociais que se encontravam os migrantes. Uma das professoras assim se referiu em relação a situações de preconceito em sala de aula:

[...] vi sim... às vezes falava assim: não esse aí é do ..como eles falavam?... do alagoano... Não sei sabe... Queria sempre por eles pra baixo, é sempre. (MATOS, 2012) E também: Eu não sei se é preconceito ou brincadeira agente escuta muito assim: ah sô se é alagoano, ah cara você é nortista, [...] tem essas brincadeiras, né, [...], eles mesmo falam isso. (MOREIRA, 2012).

É possível compreender com nitidez nesse estudo, a partir da observação dos dados, que desde os anos de 1950 foi se estabelecendo uma sóciodinâmica da estigmatização do migrante construída historicamente, com a sua chegada a região. Ao mesmo tempo reconfigurou-se a identidade dessa população construída a partir do conceito de nortista/nordestino desencadeado pela relação com os mineiros. E também destacamos a importância do reconhecimento da diversidade étnico-cultural no interior das escolas no desenvolvimento de um processo ensino-aprendizagem de qualidade.

O estereótipo do nordestino foi construído a partir do modelo cultural local, portanto, o migrante é colocado em condição inferior na hierarquia social, isso em função, principalmente, de sua situação miserável, fugindo das secas e do desemprego. Traços étnico-culturais serviram de reforço desse estigma como o sotaque, a “pele escura” e os hábitos diferenciados. Dada a natureza das atividades profissionais para as quais esses migrantes eram contratados - a lavoura nas terras vermelhas, causava-lhes a aparência de indivíduos sujos, associando-lhes a ideia de imundice de forma que se misturar com esse grupo seria algo degradante, um tipo de “infecção anômica” (ELIAS, 2000, p26). Um dos depoentes assim revelou sobre seu relacionamento amoroso com uma filha de mineiros: “Ela era criada por um mineiro mas ela era acreana(?)... chamava ela de Teresinha, aí não deu certo não, o pai dela não gostava muito de nordestino. Gostava não! [...]” (SANTOS, 2011)

Na região do Pontal Mineiro, contudo, o migrante construiu formas de inserção social, mesmo que de maneira periférica, representando conquistas em sua condição material, como a possibilidade do trabalho e de acesso a serviços públicos de saúde e educação. Nesse processo reconfigurou-se a identidade dos mineiros que se apresentaram como elemento dominante e modelo a ser seguido, mas também a identidade do nordestino que desde o princípio, teve sua cultura negada, atribuindo-lhe características que o desvalorizava.

Pelos depoimentos dos migrantes e das professoras, desde os anos de 1950 é possível perceber o papel relevante da instituição escolar no processo de construção da identidade do migrante nordestino (mesmo ao negar o diferente), pois a escola é espaço social de frequência obrigatória (especialmente a partir de 1971 com a lei 5692) e em boa parte subordina os indivíduos nela inseridos a lógica de interesses alheios a eles, promovendo a socialização ou padronização dos indivíduos às normas estabelecidas. De acordo com Oliveira (2007), a formação social e histórica da identidade tem estreita relação com as interações que acontecem em sala de aula.

Considerações Finais

Acreditamos que esse estudo contribui para desvendar o processo histórico-educativo vivido pela região, abrindo novas perspectivas para a compreensão do desenvolvimento local, apontando os migrantes como fator importante nesse movimento, certamente, uma das especificidades da região. Dessa maneira, promover o desvelamento de arranjos e estratégias elaboradas pelos homens e mulheres migrantes, que se sujeitaram a condições duras de trabalho e sobrevivência e que muitas vezes os impediram de ter acesso a serviços públicos básicos como saúde e educação.

Buscamos apontar a importância dos estudos que focam os fluxos migratórios internos já que desde os anos de 1950, o Brasil vem assistindo grandes deslocamentos de indivíduos pelo seu território. Boa parte desses indivíduos é originária da região Nordeste e tem sido responsável pelo enriquecimento das demais regiões do país, especialmente, do Centro-Sul. Apesar de sua importância, essa população é historicamente marginalizada sob vários aspectos, incluindo-se quando observada como objeto no interior das pesquisas de diferentes ramos das ciências.

No campo da História da Educação esse dado foi apontado aqui. Vimos que os reflexos da migração interna não têm sido investigados, por outro lado, há alguns pesquisadores e instituições que tem desenvolvido trabalhos estudando as escolas étnicas criadas por ou para imigrantes. Não se pode menosprezar tal esforço em hipótese alguma, já que é possível a apropriação de parte do referencial teórico por eles produzidos, contudo, insistimos na necessidade de se dar visibilidade a história educacional dos indivíduos migrantes internos.

Assim, nossa proposta de investigação da relação entre migrantes nordestinos e escolarização no Pontal Mineiro visa a valorização dessa diversidade étnico-cultural motivada também pela presença desses indivíduos nas escolas da região. Apesar de sua participação ativa na construção da riqueza local, existem restritas referências a eles na literatura sobre a história do pontal.

Referências

- BARCELLOS, Tanya M. de. Migrações Internas: os conceitos básicos frente a realidade da última década. In Revista Ensaio FEE, Porto Alegre, no. 16, v.01, p. 296-309, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. Confiança e Medo na Cidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2009.
- BRITO, Fausto. O deslocamento da população brasileira para as metrópoles. In Revista Estudos Avançados, no.20, v.57, p.221-236, 2006.
- CUNHA, José Marcus Pinto. Migração e Urbanização no Brasil alguns desafios metodológicos para análise. In São Paulo em Perspectiva, v. 19, n. 4, p. 3-20, out./dez. 2005.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. Os Estabelecidos e os Outsiders. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

- FERREIRA, A. A. Caminhadas para o amanhã história de Vila Platina, cidade de Ituiutaba e sua Câmara Municipal (anos de 1901 a 1976). Uberaba: Vitória, 1980.
- GONÇALVES, Alfredo José. Migrações Internas: evoluções e desafios. *Revista Estudos Avançados*, no.15, v.45, p.173-184, 2001.
- HASENBALG, Carlos Alfredo. Discriminação e Desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.
- KREUTZ, Lúcio. Identidade Étnica e Processo Escolar. *Cadernos de Pesquisa*, no.107, p.79-96, julho/1999.
- MAGALHÃES, J. A história das instituições educacionais em perspectiva. In: GATTI JR, D., INÁCIO FILHO, G. (orgs.). *História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005.
- NOVAIS. Aloísio Silva. *História antiga de Ituiutaba*. Ituiutaba. Edição do Autor. 1974.
- OLIVEIRA, I. M. de. *Preconceito e Autoconceito: identidade e interação na sala de aula*. Campinas-SP: Papyrus, 2007.
- POMPEU SOBRINHO, Thomaz. *História das Secas (Século XX)*. Coleção Mossoroense. Site: www.colecaomossoroense.org.br. Acesso em abril/2012.
- SILVA, Dalva Maria de Oliveira. *Memória: lembrança e esquecimento*. Trabalhadores nordestinos no Pontal do triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 60. Programa de Pós Graduação em História (dissertação de Mestrado) Pontífca Universidade Católica de São Paulo, 1997.
- SILVA, Jóbio Balduino. *Colégio Comercial Oficial de Ituiutaba: reflexões sobre a história da educação profissional pública no pontal do Triângulo Mineiro (1965-1979)*. Dissertação de mestrado. PPGED-UFU, Uberlândia, 2012.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- SIMÕES, Renato. *Cidadãos de Segunda Classe*. In PINSKY, Jaime (org.). *Doze faces do Preconceito*. 10a. edição, São Paulo: Contexto, 2010.
- SOUZA, Sauloéber Tarsio. *O Universo Escolar nas Páginas da Imprensa Tijucana (Ituiutaba-MG - Anos de 1950 e 1960)*. In *Cadernos de História da Educação*, vol. 9, n.2, 2010.
- SOUZA, Sauloéber Tarsio; SILVEIRA, Daiane de Lima S. *Migrantes Nordestinas e Escolarização em Ituiutaba-MG (anos de 1950 e 1960)*. In *Revista HISTEDBR-OnLine*, n.40, p. 245-257, dez.2010.
- THOMPSON, Paul. *A voz do Passado – História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- ZAMBERLAM, Jurandir. *O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização*. Porto Alegre: Pallotti, 2004. 179 p.

Fontes Orais

ABREU, Lúcia. Nasceu em Minas no ano de 1955, filha de migrantes, professora aposentada. Entrevista em maio de 2010.

COSTA, Francisco. Nasceu em 1950 no RN, migrou aos 23 anos, vivendo em Minas por 4 anos, quando retornou passou a trabalhar em Feira Popular. Entrevista em 04 de fevereiro de 2011. Currais Novos-RN.

FALEIROS, José. Nasceu em 1934 no RN, trabalhou no transporte de migrantes em caminhões, desde 1953. Entrevista em 06 de fevereiro de 2011. Currais Novos-RN.

FEIJÓ, Severino. Nasceu em 1938 no RN, migrou para Minas em 1958, trabalhou como motorista no transporte de migrantes. Entrevista em 07 de fevereiro de 2011. São Vicente-RN.

FARIAS, Luciano. Nasceu em 1951, na Paraíba. Migrou com oito anos para Minas aonde se aposentou. Entrevista em 13 de janeiro de 2011. Ituiutaba-MG.

MATOS, Zeila. Nasceu em Ituiutaba-MG. Começou a lecionar em 1984, trabalha na Escola Municipal Manoel Alves Vilela. Entrevista em fevereiro de 2012. Ituiutaba-MG.

MENEZES, Rosa. Nasceu em 1950 na cidade de Campina Verde-MG. Graduada e pós-graduada em História, aposentou-se na Escola Cônego Ângelo que atendia muitos migrantes. Entrevista em março de 2012. Ituiutaba-MG.

MIRANDA, Terezinha. Nasceu em 1955 em Ituiutaba-MG. Graduada em Matemática, lecionou até se aposentar na Escola Cônego Ângelo. Entrevista em fevereiro de 2012. Ituiutaba-MG.

MORAES, Diná. Nasceu em 1952 na cidade de Ituiutaba-MG. Casada com migrante paraibano, cursou pedagogia e lecionou na Escola Cônego Ângelo. Entrevista em fevereiro de 2012. Ituiutaba-MG.

MOREIRA, Zilá. Nascida em Ituiutaba-Mg, no ano de 1954. Formada em História, lecionou na Escola Cônego Ângelo. Entrevista em março de 2012. Ituiutaba-MG.

RODRIGUES, Antonio. Nasceu em 1930 no RN. Proprietário de caminhões transportava migrantes para Minas Gerais, atualmente é empresário aposentado. Entrevista em 03 de fevereiro de 2011. Natal-RN.

SANTOS, Severino. Nasceu em 1940 no RN, migrou para o Pontal Mineiro em 1960, com 20 anos de idade, retornou no ano de 1970 para Currais Novos-RN onde se aposentou trabalhando em mina de Tungstênio. Entrevista em 05 de fevereiro de 2011. Currais Novos-RN.

SILVEIRA, Joana. Nasceu em 1952 no RN, migrou com dois anos para Minas, desde que se mudou para a cidade de Ituiutaba, trabalha como doméstica. Entrevista em 11 de janeiro de 2011.

*Recebido em março de 2012
Aprovado em maio de 2012*